

AS COMÉDIAS DE ANTÓNIO BOTTO



TERCEIRO VOLUME
DAS OBRAS COM
PLETAS DO AUTORE
PRIMEIRO DE TEATRO

EDIÇÕES ROMERO
L I S B O A

AS COMÉDIAS DE ANTÓNIO BOTTO

TERCEIRO VOLUME
DAS OBRAS COMPLETAS
E PRIMEIRO DE TEATRO

12.º MILHAR



EDIÇÕES ROMERO
LISBOA

A L F A M A

*Esta obra de Teatro foi representada
pela primeira vez em Festa Artística
de Ilda Stichini no Teatro de S. Car-
los de Lisboa em dezasseis de Junho
de mil novecentos e trinta e três.*

FIGURAS

Júlia	<i>Ilda Stichini</i>
Tiana	<i>Amélia Pereira</i>
Clotilde	<i>Irene Isidro</i>
Alice	<i>Herminia Tavares</i>
Manuel	<i>Alves da Costa</i>
Joaquim	<i>Assis Pacheco</i>
Ricardo	<i>Alexandre de Azevedo</i>
Amadeu	<i>Barroso Lopes</i>
Raúl	<i>Luís de Campos</i>

HOJE

ACTO PRIMEIRO

Interior de uma casa pobre. Ao fundo, uma janela de sacada aberta de par em par. Do lado esquerdo, três portas; do lado direito, duas. Pelas paredes, algumas oleografias: A implantação da República Portuguesa na Câmara Municipal de Lisboa; o Dr. António José de Almeida, Dr. Sidónio Pais, Estaline, e o Senhor Jesus dos Passos da Graça. A um canto uma velha mala; entre as portas do lado direito está uma cómoda com vários apetrechos em cima; do lado esquerdo, um guarda loiça de estilo complicadissimo, e ao meio da casa uma mesa bastante tósca. Uma guitarra, bancos, duas cadeiras de palhinha já usadas, e sobre a mesa uma pequena bilha de barro e um vaso de mangérico. Num prego vê-se um chaile pendurado; noutro, um boné de marinheiro, um saco de chita e uma alcofa remendada. À janela, em baixo, e da parte de dentro, sobre um caixote, uma panela de

fólha ferrugenta com trepadeiras floridas que sobem por uma cana delgada e voltam ao cimo agarradas a um cordel esticado abrangendo a largura da janela. Esta casa fica situada num Béco, e pela janela aberta vêem-se os prédios da frente e alguns balões acesos postos em fio de arame. Noite de Santo António. É quási uma hora da manhã. Ouvem-se cornetas, estalos, vozes de harmónio, de pifaro, e de guitarra. Ao longe, o movimento desengonçado de uma marcha cantarolando a canção: Dá-me um beijinho, não dou ai não, que se avoluma a té se ouvir nitidamente; e antes que os últimos sons se percam, sumidos, na distância, uma voz sobe, viril.

Maria, se fôres ao baile,
 Leva o teu chaile,
 Pode chover;
 Que lá pela madrugada
 Cai a geada,
 Podes morrer.

MANUEL — *(Junto à janela, sentado num banco, parece dormir. Perto dêle, uma garrafa de litro com algum vinho. É um rapaz sadio de vinte e três anos).*

TIANA — *(Afastando a cortina da porta do seu quarto, com um candieiro de petróleo aceso —*

atabalhoadá, e dando a impressão de que se levantou) Êste gato, êste patife... Ora, eu ouvi cair qualquer coisa... — biche, biche, biche... (*Silêncio*) Galhito... (*Silêncio*) Onde estará êste maldito metido?... (*Silêncio*) Biche, biche, biche... (*Silêncio*) Isso sim!... (*Silêncio*) Ora esta?!... Galhito, Galhito... (*Indo à última porta da E. A.*) Biche, biche... (*Voltando*) Isso sim.... Não há maneira! (*Reparando em Manuel*) Ó Manuel! Manuel! (*Perto dêle*) Então, não te vais deitar? (*Abandonando-o*) Tu não ouves? (*Silêncio*) Anda, vai-te deitar... (*Fora, num harmónio, tocam a canção do Cochicho*)

MANUEL — Já vou; deixe-me estar aqui um bocado.

TIANA — Mas isso faz-te mal, homem! Não é boa idéia estares a apanhar o relento da noite... Anda, vai-te deitar...

MANUEL — Ó Senhora, deixe-me em paz — não tenho sono.

TIANA — Teimoso e casmurro... (*Silêncio*) Faze o que quiseres... (*Silêncio*) Mas onde estará o gato! — Ouve lá: não deste notícia do Galhito?

MANUEL — Sei lá do gato! (*Silêncio*) Que chateice...

TIANA — Também me saíste uma boa prenda. Podes limpar as mãos à parede.

MANUEL — Ó Senhora, deixe-me em paz, vá-se deitar, não me chateie... (*Na rua passam guitarras gemendo um fado ligeiro*)

TIANA — Coitadinho! Está, então, muito *chateado*, o meu rico menino? (*Silêncio*) Isso deve ser o nervoso de a não ter visto ainda hoje?...

MANUEL — (*Erguendo a cabeça, e, desabridamente*) O que quer dizer com isso?

TIANA — Nada! Não quero dizer nada! (*Silêncio*) O que te posso garantir é que hei-de pôr o negócio a limpo e não há de tardar muito tempo. (*Silêncio*) Ou tu julgas que eu admito certas coisas cá em casa?...

MANUEL — Certas coisas? Mas que coisas?

TIANA — Canta que logo bebes. Tens muito que mastigar ainda para me comer por tóla.

MANUEL — (*Rindo*) As suas descobertas valem um dinheirão. (*Silêncio*) Porque é que não vai para a polícia?

TIANA — Pois sim: dá-lhe dessas que ainda vais a tempo!

MANUEL — (*Irritado*) Ó senhora, explique-se e fale direito.

TIANA — És muito espertinho! mas de cá não levas nada. Conheço-te há vinte e três anos; andei contigo aqui dentro (*Bate no ventre*) por conseguinte... — boa noite, até amanhã! (*Silêncio*) Juízo, juízo, — juízinho é que é preciso! (*Da porta da D. B., que é o quarto de Júlia e de Joaquim, ouvem-se rumores de zaragata. Manuel ergue o busto e a cabeça para ouvir. Tiana, pára perto da porta do seu quarto e, depois de um silêncio — para o filho*) Lá principia o inferno!... E escolheram a hora própria! (*Silêncio*) Tão descarado é um como é o outro. Olha, o teu pai é que diz bem: — pô-los na rua e está a visita feita.

(*A voz de Júlia, dentro, bem nitidamente*) Se continuas a bater-me grito ó da guarda — e hás-de ir preso! (*Manuel nervosíssimo, levanta-se e passa-se de um lado para outro*)

JOAQUIM — (*Dentro do quarto*) Mas, experimenta; chama lá o guarda para eu ver isso...

TIANA — Parece impossível! A esta hora da noite! Não têm vergonha nenhuma!

JÚLIA — (*gritando*) Já disse o que o tinha a dizer! Ou tu acabas com esta vida... (*Rumor de pancada. Na rua passam cantarolando:*)

Dá-me um beijinho,
Não dou aí não.

(*A voz de Júlia, chorosa*) Malandro! Canalha!

MANUEL — O que êle precisava, sei eu!

TIANA — Eu vou chamá-los à ordem porque isto assim não pode ser.

(*A voz de Joaquim*) Sua cabra; hei-de parti-la de meio a meio!

(*A voz dela, num choro mais alto*) Se a minha mãe fôsse viva não me fazias tu o que tens feito!

TIANA — (*Batendo à porta do quarto*) Ó senhor Joaquim! Ó menina Júlia! Tenham paciência, mas

não são horas de estarem com essas coisas...
(Manuel encosta-se à janela olhando para a rua, a fumar)

JOAQUIM — *(Aparecendo à porta, atando a correia das calças, aos bordos, embriagado)* O que é? O que foi? Quem é que bateu à porta?

TIANA — *(Com tesura)* Fui eu! Fui eu que bati à porta porque é uma hora da manhã e precisamos descansar. *(Ouve-se o fado numa guitarra, suavemente)* O Senhor, aqui, na minha casa, não vê ninguém fazer êstes disparates. Quem quer jogar as cavalhadas vai para uma Praça de Toiros ou para o Terreiro do Paço. Aqui, não consinto êstes abusos! *(Silêncio)* Se fôsse uma vez por outra — enfim, fechavam-se os olhos — não há govêrno, sem pancadaria — mas dia sim, dia não, é demais — não pode ser.

JOAQUIM — Você não tem nada c'o a minha vida! *(Olha-a desdenhosamente, abanando a cabeça em ameaça)*

TIANA — *(Com violência)* Não tenho nada? Pois talvez tenha! Nisso é que você está enganado. *(Silêncio)* Então não querem lá ver a pouca vergonha! Bem basta não me pagarem renda do quarto há três meses senão ainda faltarem-me ao respeito

vencer? (*Sentando-se junto da mesa*) Pobre Júlia!
coitadita! (*A guitarra repete o motivo do fado*)

JOAQUIM — Se fez bem, melhor para ela, e se
fez mal, que se agüente no balanço.

MANUEL — Foi-se-me a vontade de jantar.

TIANA — (*De pé, junto da mesa, partindo o pão*)
E o pão cada vez é mais negro!... (*O pano cai
sobre as últimas notas do fado*)

ÊSTE LIVRO, TERCEIRO VOLUME DAS
OBRAS COMPLETAS DE ANTÓNIO BOTTO,
FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICI-
NAS DA GRÁFICA SANTELMO, RUA DE
BERNARDO, 84, LISBOA, DURANTE OS
MESES DE ABRIL E MAIO DE 1945.